

# Introdução

Murray Stein e Thomas Arzt

Para que os leitores não se confundam com os termos usados no título desta série, *O Livro Vermelho de Jung para o nosso tempo – Em busca da alma sob condições pós-modernas*, os organizadores querem oferecer alguns esclarecimentos. A obra publicada em 2009 e intitulada de *O Livro Vermelho: Liber Novus* é, na verdade, muito mais do que a obra que Jung criou e intitulou de *Liber Novus*. Como explica o editor do *Livro Vermelho*, ao criar essa obra, Jung “registrou primeiramente essas fantasias em seus *Livros Negros*. Depois revisou esses textos, acrescentou reflexões sobre eles e os copiou em escrita caligráfica num livro intitulado *Liber Novus* encadernado em couro vermelho, acompanhado por quadros pintados por ele mesmo. Sempre foi conhecido como *Livro Vermelho*”.<sup>1</sup> O volume que temos agora, que foi editado e publicado com uma introdução extensa de Sonu Shamdasani em 2009, inclui um fac-símile do *Liber Novus* de Jung e material adicional. Jung nunca completou o *Liber Novus*. Parte considerável de material do texto editado e revisado dos *Livros Negros* não foi incluída, e esse material foi acrescentado ao texto transcrito (e traduzido) na obra publicada. Isso inclui os últimos capítulos de “*Liber Secundus*” e a seção intitulada de “Aprofundamentos” na tradução para o português (“*Prüfungen*” no original alemão).

Como esclarecimento aos leitores e a fim de evitar equívocos, os organizadores decidiram grifar *Livro Vermelho*, mas não o artigo precedente, quando o autor está se referindo ao livro que o próprio Jung criou, e grifar *O Livro Vermelho*, com o artigo, quando o autor se refere ou cita a obra publicada. *Liber Novus* se refere ao todo da obra pretendida por Jung, mas que ele não terminou de copiar para o seu *Livro Vermelho*.

Os outros termos no título que exigem algum esclarecimento e explicação são “nosso tempo” e “condições pós-modernas”. Estes se referem ao mesmo período histórico, o tempo em que vivemos agora no século XXI.

Em seu artigo de abertura no volume 1, Thomas Arzt discute a fundo o entendimento atual do termo “pós-modernidade” e seu significado nos estudos culturais. O tempo em que Jung escreveu o *Liber Novus* costuma ser chamado “modernidade”. O “espírito do tempo” que Jung deixa para trás quando segue o chamado do “espírito das profundezas” é o espírito da modernidade – racional, científico, positivista, irreligioso. O “espírito do tempo” em que vivemos hoje é o espírito da pós-modernidade – desordeiro, confuso devido a uma aceleração insuportável em todas as áreas da vida, tecnológico, interconectado – um *interim* de “fluxo incessante e complexidade irresolúvel [...] e desorientação metafísica”, como Richard Tarnas observou em sua obra *Cosmos and Psyche*.<sup>2</sup> Nosso “espírito do tempo” atual é ainda mais sedutor, convincente e onipresente na psique contemporânea do que o “espírito do tempo na era da modernidade de Jung. Num nível global, estamos mais conectados uns aos outros do que as pessoas têm sido em qualquer tempo anterior na história humana.

Quando pedimos aos autores desta série que refletissem sobre o tema *O Livro Vermelho de Jung para o nosso tempo: Em busca da alma sob condições pós-modernas*, estávamos pedindo que eles voltassem nossa atenção para como “o espírito das profundezas”, que chamou Jung para a sua jornada pelo mundo interior e para os processos de incubação e iniciação, que lhe permitiram entrar em contato com sua alma e o transformaram de modo decisivo, pode ser acessado por nós em nosso tempo por meio de uma leitura profunda do *Liber Novus*. O conceito de “O Livro Vermelho de Jung para o nosso tempo” é trazer sua obra e seu significado para o nosso tempo, para a estrutura temporal da pós-modernidade. O que o *Liber Novus* de Jung tem a dizer para o nosso tempo? Apesar de ter sido criado cem anos atrás, ele tem uma mensagem perene. Por quê? Nós argumentaríamos que é porque ele fala com a voz do “espírito das profundezas”. Isso nos leva à pergunta intrigante: Quem escreveu *Liber Novus*? Foi Carl Gustav Jung, residente de Küsnacht/Zurique, psiquiatra em consultório privado, pai de cinco filhos e marido de Emma

Rauschenbach? Ou foi outra pessoa, outra personalidade? Jung fala das personalidades 1 e 2 em *Memórias, sonhos, reflexões*,<sup>3</sup> onde a personalidade nº 1 fala em nome da consciência do ego em todas as suas idades e fases da vida; e a personalidade nº 2, em nome do si-mesmo.

Já próximo ao fim de *Liber Novus*, Jung confessa: “sei que Filêmon me embriagou e me inspirou uma linguagem estranha a mim mesmo e um outro sentir. [...] A grande maioria do que escrevi nas primeiras partes deste livro foi Filêmon que me inspirou. Por isso fiquei como que embriagado”.<sup>4</sup> O editor acrescenta uma nota de rodapé intrigante: “O esboço manuscrito de “Aprofundamentos” continua: ~~‘dito através de mim’~~”.<sup>5</sup> É igual à pergunta: Quem escreveu a Bíblia? É simplesmente a obra de muitas mãos, autores e redatores humanos de vários períodos históricos, ou será o Espírito Santo o autor oculto nos bastidores? A resposta faz uma diferença, pois com a resposta vem a capacidade de ouvir a mensagem mais profunda da Bíblia ou não. O mesmo vale para o *Liber Novus*. Essa obra é um reflexo do “espírito do tempo” (a modernidade de Jung) ou é uma mensagem do “espírito das profundezas” (atemporal e eterna)?

É importante observar que o título verdadeiro dessa obra não é *O Livro Vermelho*. Esse nome casual só foi dado ao livro por causa da cor de sua capa. O título verdadeiro, *Liber Novus* – que, em latim, significa “O Livro Novo” – é uma referência deliberada ao Novo Testamento bíblico, como argumentei em “How to read *The Red Book*, and why” [Como e por que ler *O Livro Vermelho*].<sup>6</sup> E como a obra canônica daquela era, o *Liber Novus* traz uma nova mensagem do “espírito das profundezas” para os tempos atuais e, como seu precursor, oferece uma nova imagem de Deus.

Uma aura de sacralidade paira sobre os ensaios deste segundo volume da série *O Livro Vermelho de Jung para o nosso tempo*. Em seu artigo, o psicanalista junguiano italiano Romano Madera fala sobre a imagem arquetípica da “busca”, a busca por significado neste tempo de caos que caracteriza o mundo pós-moderno em que vivemos. É uma busca empreendida não com leviandade, como ilustra o *Liber Novus* de forma tão ampla, e os problemas anteriores a aventurar-se em uma jornada como essa são quase insuperáveis. Em vista da turbulência destes tempos e da atração intensa do espírito deste

tempo, somente os esclarecidos e corajosos se aventurarão para além dos limites desta cultura.

Mas as apostas são altas! O que está em jogo é o próprio significado, e isso é uma necessidade arquetípica na base da psique. Assim, como argumenta David Tacey no ensaio seguinte, “O retorno do sagrado numa era de terror”, a fome inegável de espiritualidade também é um aspecto notável do nosso tempo. Novas formas de busca espiritual e trilhas que buscam o sagrado são exploradas. As incríveis construções arquitetônicas em todas as partes do mundo testificam dessa busca pela transcendência, seja em aeroportos, museus ou *shopping centers*.

O *Liber Novus* de Jung é um precursor da versão da Nova Era da busca arquetípica por significado e despertar espiritual. Lionel Corbett, o conhecido autor de muitos livros e artigos sobre psicologia e espiritualidade, aceita o desafio de argumentar que o *Liber Novus* é um texto religioso e que ele deveria ser visto e estudado como tal. A força de seu argumento provém das definições de Jung do “religioso” e de sua valorização de experiências numinosas na vida. Em *Liber Novus*, o leitor pode ler o testemunho de Jung sobre a experiência religiosa e os mistérios do numinoso.

Ann Ulanov retoma esse tema em seu artigo “Interferindo na obra de redenção”, no qual essa autora de quase incontáveis obras sobre psicologia e religião ao longo de sua carreira como professora no Union Theological Seminary em Nova York segue a trilha de Jung no *Liber Novus* à medida que ele encontra seu caminho que o leva ao seu mito pessoal. Há muitas lições que podemos aprender seguindo a trilha de Jung, e a professora Ulanov é um guia especializado nesse território.

John Dourley, respeitado psicanalista junguiano canadense e professor de teologia, reflete sobre as implicações teológicas mais profundas do pensamento de Jung expresso em histórias, imagens e reflexões do *Liber Novus*. Seu artigo “Jung, o nada e o todo”, tem como foco a natureza profundamente mística das experiências de Jung registradas nessa obra. O leitor atento do *Liber Novus* será atraído para essa profundidade juntamente com seu autor, como Dourley demonstra, e experimentará a dissolução de construtos mentais fixos e ganhará uma visão de totalidade.

Após a contribuição de Dourley, J. Gary Sparks, psicanalista junguiano norte-americano e professor, lança luz sobre o significado da figura gnóstica de Abraxas como um símbolo da totalidade. Na cosmologia do *Liber Novus*, Abraxas é um deus que emerge do todo, do pleroma e antecede divisões entre os opostos que afligem nossa cultura e causam conflitos ferozes entre povos que projetam e atacam os recipientes de suas partes separadas. O *Liber Novus* nos ajuda a entender essa dinâmica em nós mesmos individual e coletivamente e, talvez, oferece um caminho para unir os opostos e assim evitar as consequências terríveis da separação e identificação com apenas um lado do todo.

O *Liber Novus* tem muito a ver com a emergência de uma nova imagem de Deus para o nosso tempo pós-moderno. Keiron Le Grice discute o pano de fundo e fundamentos astrológicos dessa emergência da nova imagem de Deus que testemunhamos no *Livro Vermelho*. Seu artigo insere a obra de Jung na visão maior da evolução da cultura e consciência humana.

John Beebe, psicanalista eminente, que reside em San Francisco, acredita que ele consegue identificar a emergência de uma atitude religiosa em Jung no *Liber Novus*, que encontra seu paralelo no nascimento de uma nova imagem de Deus para Jung pessoalmente e para a cultura sua e nossa. A análise de Beebe de atitudes culturais no *Livro Vermelho* e suas reflexões sobre tipologia psicológica conduzem o leitor a uma nova percepção de como esses fatores podem se desenvolver em todos nós, também sob condições pós-modernas.

A tarefa à mão, como argumenta a psicanalista junguiana Gražina Gudaitė da Lituânia, não consiste apenas em deixar para trás “o espírito do tempo” e seguir o “espírito das profundezas”, mas também em reuni-los numa unidade. Seu artigo prático sugere que o objetivo das nossas lutas pela alma sob condições pós-modernas deve resultar em ação, em benefícios oferecidos ao mundo do presente e do futuro. Isso é um chamado para integrar as duas dimensões e para dar seguimento a isso com ações apropriadas.

Em seu artigo “Sobre Salomé e a emancipação da mulher no *Livro Vermelho*”, o psicanalista junguiano alemão Joerg Rasche explora as fontes do conceito de *anima* de Jung. Ao mesmo tempo em que concede que as ima-

gens do inconsciente coletivo são autônomas e tem uma vida e personalidade própria, independente da vontade e intenção da consciência do ego, Rasche argumenta que as experiências de Jung com mulheres reais em sua vida exerceram um papel importante em moldar seu pensamento sobre o arquétipo de *anima*.

Kate Burns, que trabalha como psicanalista junguiana em Houston, no Estado do Texas, continua esse tipo de exploração biográfica em seu artigo sobre temas de iniciação no *Liber Novus*. Em seu trabalho, ela destaca o elemento do sofrimento necessariamente incluído no tecido dos processos de iniciação e ilustra isso com passagens do *Liber Novus*.

QiRe Ching, psicanalista junguiano e professor em San Francisco, oferece uma declaração pessoal sobre a luta com o envelhecimento ao experimentar esse processo inevitável em sua vida e revela como o *Liber Novus* tem sido um recurso para aceitar limitações e a finitude humanas.

Um aspecto essencial dessa série de artigos sobre “O Livro Vermelho de Jung para o nosso tempo” é seu escopo internacional. Pedimos que autores de muitas partes do mundo relacionassem *O Livro Vermelho* às suas próprias culturas. Ann Chia-Yi Li, nascida no Taiwan, que atualmente vive e pratica a psicanálise junguiana em Zurique, ao mesmo tempo em que leciona em Taiwan e Singapura, aceita o desafio de analisar paralelos com a alquimia e filosofia taoista chinesa.

Segue, então, o artigo de Lev Khagai sobre a recepção do *Livro Vermelho* na Rússia e sua ressonância com movimentos culturais importantes na Rússia no período da composição do *Liber Novus* por Jung.

Noa Schwartz Feuerstein, uma psicanalista junguiana israelense, investiga os muitos fios que ligam o *Livro Vermelho* à Índia em termos temáticos e espirituais. O leitor se surpreenderá com suas descobertas.

Os três artigos remanescentes neste volume contemplam questões públicas, políticas e culturais do nosso tempo e as relacionam ao *Liber Novus*. O psicanalista junguiano alemão Günter Langwieler reflete sobre como a obra de Jung fornece uma lição em pacificação nos temas proeminentes da obra de autossacrifício.

Randy Fertel, erudito, professor e autor reconhecido, introduz o *Liber Novus* na esfera da política norte-americana, comparando e contrastando Donald Trum e Jung como “trickster”, ambos empenhados em improvisação, o tema do brilhante estudo de Fertel *A Taste of Chaos*.<sup>7</sup> Suas conclusões são altamente instrutivas como lições sobre como se relacionar a essa importante figura arquetípica.

Finalmente, Al Collins, um estudioso junguiano e psicólogo clínico em Anchorage, no Alaska, volta sua atenção para um tema crucial no *Liber Novus*. Ele pergunta: o que os mortos buscam hoje? Seu ensaio oferece um desafio espiritual para o nosso tempo pós-moderno.

É com grande prazer e imensa gratidão aos autores dos artigos contidos nesta obra que oferecemos ao público o segundo volume desta série *O Livro Vermelho de Jung para o nosso tempo*.

## Notas

1. Sonu Shamdasani. “Prefácio”, em C.G. Jung, *O Livro Vermelho: Liber Novus. Edição sem ilustrações*, org. Sonu Shamdasani, trad. Edgar Orth (Petrópolis: Vozes, 2015), p. xi.
2. Richard Tarnas. *Cosmos and Psyche: Intimations of a New World View* (Nova York, NY: Viking, 2006), p. 483.
3. C.G. Jung. *Memories, Dreams, Reflections*, org. Aniela Jaffé (Nova York, NY: Vintage Books, 1963), 33ss.
4. Jung. *O Livro Vermelho*, p. 426.
5. *Ibid.*, anotação 42.
6. Murray Stein. “How to read *The Red Book* and why”, *Journal of Analytical Psychology*, 57:3, 2012, 280-298.
7. Randy Fertel. *A Taste for Chaos: The Art of Literary Improvisation* (Nova Orleans, LA: Spring Journal Books, 2015).